

Alex Wagner (AW): Posso afirmar com toda a certeza que é a última vez que o meu nome aparece assim anunciado ao lado dos vossos. Não sou uma celebridade nem conquistei um Prémio Nobel. Portanto, estamos aqui num dos 7 Dias de Génio (7 Days of Genius) e, quando a palavra «génio» foi pronunciada, e estava com vocês nos bastidores, houve muitos olhos arregalados e risos abafados, mas, gostem ou não, vocês são considerados génios e não há nada a fazer.

Mas, uma vez que são considerados génios no campo da ciência económica, gostava de começar por vos pôr uma questão de fundo, que é também, entre outras coisas, uma questão filosófica. Vocês são considerados génios, mas, quando falamos do acontecimento mais desestabilizador no domínio da economia, em termos globais, nos últimos anos — e estou a pensar no que aconteceu em 2007 e 2008 —, o certo é que muitos economistas não foram capazes de prever esse momento crítico, tanto à escala dos Estados Unidos como global.

Joseph Stiglitz (JS): Mas tanto o Paul como eu previmos o que se ia passar.

AW: Claro. É por isso que são génios. Mas, a propósito, gostava de vos perguntar se não têm a ideia de que, de um modo geral, a ciência económica reinterpreta melhor o passado do que prevê o futuro. E vou começar por si, Paul.

Paul Krugman (PK): Bem, a verdade é que... não, não previ propriamente... Pensei que alguma coisa iria correr mal, mas a uma escala que nada tinha que ver com a daquilo que realmente se passou. Pensei que a bolha do imobiliário seria feia, mas a escala do desastre foi um choque para mim, como para quase toda a gente. Deixem-me dizer que, quanto à crise propriamente dita — a crise financeira —, enfim, houve alguns que a viram aproximar-se, mas, como tinham igualmente anunciado outras crises que não aconteceram, essa previsão não teve grande peso. De certo modo, e até certo ponto, a incapacidade de previsão é desculpável, porque o mundo é um lugar complicado, um lugar onde acontecem sempre coisas que não soubemos ver, e isso é um traço característico dos momentos de desestabilização mais drásticos. O que se ignora muitas vezes é o facto de, a partir da crise, grande parte da teoria económica ter demonstrado uma capacidade notável de acerto. Não previ a crise, mas fomos muitos a dizer depois: Ouçam, não acreditem naqueles que passam o tempo a dizer-nos que a emissão de dinheiro pelos bancos centrais vai causar uma inflação galopan-

te, que os défices orçamentais vão repercutir-se desastrosamente sobre as taxas de juro... Não é assim que as coisas se passam. Não é desse modo que podemos enfrentar a situação em que estamos. E a verdade é que acertámos em cheio. Às vezes, digo que passei a minha vida sem saber bem se o que fazia não seria uma fraude. Sabia que publicava alguns bons artigos, mas, quanto ao resto...

AW: Suponho que, em todo o caso, o júri já formou a sua opinião a esse respeito.

PK: Digamos que só nos últimos seis anos senti que podia dizer: bom, a verdade é que o nosso trabalho faz sentido. Temos dado boas respostas a uma grande parte dos nossos problemas. Em contrapartida, o que é triste é que metade dos economistas profissionais puseram de parte, por razões ideológicas, coisas que sabemos que funcionam. Por isso, do meu ponto de vista, a culpa dos economistas não foi não terem previsto a crise, mas antes a obstinação com que, ao longo dos seis anos que se seguiram à crise, se agarraram a doutrinas que manifestamente não resolviam os problemas.

AW: Professor Stiglitz...

JS: Ora bem, parece-me, entre outras coisas, que a recuperação económica não tem corrido especialmente bem, e também claro que a política monetária não é uma resposta suficiente. Pouco pode fazer. Penso que o Paul tem razão quando diz que os medos — todo esse discurs-

so que pretendia que a impressão de papel-moeda, ou como se lhe queira chamar, seria inflacionista — eram absurdos, e que isso ficou demonstrado. Mas também é verdade que houve economistas que pensaram que a política monetária resolveria os problemas. Bem, vocês sabem como costumo descrever o raciocínio deles, quer dizer, a ideia de que pôr os bancos e os hospitais durante um ano e meio a darem-lhes não uma transfusão de sangue, mas uns quantos milhares de milhões de dólares melhoraria as coisas e poria a economia de novo a funcionar. É evidente que não tinham razão e que havia necessidade de uma política orçamental efetiva, de estímulos efetivos, e a verdade é que, em termos fundamentais, a economia estava já em quebra antes da crise, servindo-se da bolha para continuar a funcionar. Ora, era isso que devíamos ter reconhecido, o que a maior parte dos economistas e dos responsáveis governamentais não fez.

Thomas Piketty (TP): Bem, antes do mais quero pedir desculpa pelo meu inglês, que soa demasiado a francês, e gostava de invocar o precedente das dificuldades de Hemingway com o francês em Paris, para me justificar por falar tão lentamente... Dito isto, penso que a ideologia faz sentir muito o seu peso entre os economistas e que muitos deles têm uma visão do mercado que não só é idealista e ingênua, como tenta sobretudo demonstrar que os mercados funcionam eficazmente, funcionam perfeitamente bem. Julgo que é igualmente por razões ideológicas que os economistas perdem por vezes muito tempo a construir modelos matemáticos complica-

dos, tentando provar a eficiência dos mercados de um modo que impressione as outras disciplinas por meio dessas construções que dão uma aparência mais científica às suas ideias...

PK: Pode parecer uma brincadeira, mas é isso mesmo que se passa.

TP: Não sei se esta maneira de proceder resulta, mas faz sem dúvida alguma parte de uma estratégia. Pelo meu lado, penso que deveríamos ser muito modestos. Vejo-me mais como um cientista social do que como um economista. E penso que as fronteiras entre a economia, a história e a sociologia não são tão claras como os economistas se esforçam por fazer crer quando pretendem ter desenvolvido uma ciência tão sofisticada que as outras pessoas não são capazes de compreender, mas é impossível levar a sério essa pretensão. Penso que a razão por que me senti atraído pela economia teve que ver com o facto de se tratar de um campo onde partimos de muito baixo, de muito pouco, e onde por isso há algum espaço que nos permite progredir. Mas devemos reconhecer os limites do que podemos fazer... A verdade é que não acredito em génios... A nossa única vantagem por comparação com as outras pessoas é que somos pagos para recolher dados e tentar compreender os mecanismos ou modelos sociais e económicos que possam explicá-los, e teremos de ser modestos, de nos contentar com progressos limitados, se quisermos ser úteis, embora nem sempre seja evidente que os economistas produzam um trabalho muito útil.